

4 - Mediação e legitimação em Otto Maria Carpeaux

Mauro Souza Ventura

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

VENTURA, MS. Mediação e legitimação em Otto Maria Carpeaux. In: *A crítica e o campo do jornalismo: ruptura e continuidade* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 51-67. ISBN 978-85-7983-686-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

4

MEDIAÇÃO E LEGITIMAÇÃO EM OTTO MARIA CARPEAUX

A trajetória e a obra crítica de Otto Maria Carpeaux (1900-1978) podem ser compreendidas como um capítulo especial no processo de formação da cultura literária no Brasil. Isto se deve a múltiplos fatores, mas, sobretudo, por sua atuação constante entre as décadas de 1940-1970, período no qual ele exerceu aquilo que pode ser denominado de crítica prática, feita de centenas de artigos publicados em jornais e revistas diversos, num ritmo quase semanal.

Jornalista por profissão e crítico literário por vocação, Carpeaux deixou-nos uma obra constituída por coletâneas de ensaios sobre literatura, cultura, música, textos de intervenção política, prefácios e introduções. Some-se a isso a publicação de obras de cunho generalista, como a *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*, de 1949, *Uma nova história da música*, de 1958, *A literatura alemã*, de 1964, ou a monumental *História da literatura ocidental*, publicada entre 1959 e 1966. Contribuiu igualmente para esse processo sua atividade de bibliotecário nas décadas de 1940-50 e a participação no projeto das enciclopédias Barsa, Delta Larrousse e Mirador, nos anos subsequentes.

Não obstante toda esta capacidade de trabalho, Carpeaux foi um ativo intelectual, desempenhando importante papel de mediador cultural, contribuindo assim para o processo de formação do leitor

culto no Brasil. Isto se deveu, em grande parte, à sua atuação na imprensa, comentando autores pouco divulgados entre nós àquela época, como Franz Kafka, de quem foi um dos primeiros comentadores, ou totalmente desconhecidos, como o holandês Simon Vestdijk e o eslavo Ivan Cankar.

Com efeito, o propósito deste capítulo é caracterizar a crítica literária de Otto Maria Carpeaux a partir de um duplo movimento: passando em revista sua trajetória no contexto da cultura literária brasileira e estudando o significado de sua obra a partir do conceito de mediação, no sentido que a sociologia da cultura compreende o termo, ou seja, como um agente no campo literário, um intermediário cujo lugar de fala situa-se a meio caminho entre produtores e receptores. Em outras palavras, interessa-nos destacar a relação intrínseca existente entre crítica literária e mediação cultural na obra de Carpeaux.

De início, cabe dizer que toda produção crítica de Carpeaux foi impulsionada por necessidades do momento em que foi escrita e orientada em função do público-leitor dos veículos para os quais se destinava.

A trajetória brasileira de Otto Maria Carpeaux teve início no jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro (Lins, 1943, p.294). Seguindo Álvaro Lins, ele teria publicado seu primeiro artigo naquele jornal em 20 de abril de 1941. Nesse mesmo ano tem início sua colaboração com a *Revista do Brasil*, também do Rio de Janeiro. Era o começo de uma intensa atividade dedicada à crítica literária, cultural e ao comentário mais ou menos ligeiro de autores, obras e ideias. Além do *Correio da Manhã* e a *Revista do Brasil*, os veículos *O Jornal* e *A Manhã*, também do Rio de Janeiro, foram os periódicos para os quais Carpeaux passou a colaborar com regularidade a partir da década de 1940. Além destes, Carpeaux colaborou ativamente também com a revista *Província de São Pedro*, de Porto Alegre e o jornal *O Estado de S. Paulo*. O quadro a seguir mostra o total de artigos dispersos de Otto Maria Carpeaux publicados no Brasil.

Quadro 1 – Artigos dispersos de Otto Maria Carpeaux. Produção comparada por período e periódico.

Década	Periódicos	Artigos por periódico	Artigos por período
1941 – 1950			211
	<i>Revista do Brasil</i>	5	
	<i>Leitura</i>	2	
	<i>Atlântico</i>	1	
	<i>Diário de São Paulo</i>	1	
	<i>Rumo</i>	1	
	<i>Folha da Manhã</i>	1	
	<i>O Jornal</i>	60	
	<i>A Manhã</i>	90	
	<i>Cuadernos Americanos</i>	1	
	<i>O Estado de S. Paulo</i>	2	
	<i>Província de São Pedro</i>	39	
	<i>Revista Branca</i>	2	
	<i>Jornal de Letras</i>	4	
	<i>Tentativa</i>	1	
	<i>Região</i>	1	
1951-1960			84
	<i>Província de São Pedro</i>	26	
	<i>Diário de Notícias</i>	1	
	<i>Jornal de Letras</i>	10	
	<i>Correio da Manhã</i>	3	
	<i>A Manhã</i>	1	
	<i>Cultura</i>	1	
	<i>Anhembi</i>	2	
	<i>Revista do Livro</i>	3	
	<i>O Estado de S. Paulo</i>	36	
	<i>Revista Senhor</i>	1	
1961-1970			102
	<i>O Estado de S. Paulo</i>	67	
	<i>Correio da Manhã</i>	4	

Década	Periódicos	Artigos por periódico	Artigos por período
1971-1977	<i>Leitura</i>	24	45
	<i>Jornal de Letras</i>	1	
	<i>Revista Civilização Brasileira</i>	3	
	<i>Revista Paz e Terra</i>	1	
	<i>Jornal do Brasil</i>	1	
	<i>Pasquim</i>	1	
	<i>Revista Manchete</i>	42	
	<i>Opinião</i>	1	
	<i>Argumento</i>	2	
	Total de artigos		

Pelo quadro acima é possível ter uma ideia da intensa atividade de Carpeaux na imprensa no decorrer dos anos de 1941 a 1977. O total de textos acima referidos (442 artigos) não inclui aqueles selecionados pelo autor para compor suas coletâneas publicadas a partir de 1942.¹

Ao mesmo tempo, é preciso dizer que este levantamento não é definitivo, pois ainda é possível encontrar referência a artigo perdido de Carpeaux, publicado em algum jornal ou revista, principalmente em veículo de pequena circulação. De todo modo, esta totalização nos ajuda a mapear a produção de Carpeaux no período, identifi-

1 Ao longo de sua trajetória brasileira, Otto Maria Carpeaux selecionou artigos para nove coletâneas, publicadas entre 1942 e 1968. As coletâneas são: *A cinza do purgatório* (1942); *Origens e fins* (1943); *Respostas e perguntas* (1953); *Retratos e leituras* (1953); *Presenças* (1958); *Livros na mesa* (1960); *A batalha da América Latina* (1965); *O Brasil no espelho do mundo* (1965); e *Vinte e cinco anos de literatura* (1968). Se desconsiderarmos a última coletânea, para a qual Carpeaux selecionou artigos já incluídos em livros anteriores, temos um total de 306 artigos publicados em livro por Carpeaux nesses 23 anos que separam a primeira coletânea (1942) da última (1943).

cando aqueles jornais e revistas que contaram com sua participação mais ativa.

Nesse sentido, destacam-se os seguintes veículos: entre os anos de 1941-1950, Carpeaux publicou 90 artigos em *A Manhã*, 60 artigos em *O Jornal*, ambos do Rio de Janeiro, e 39 na revista *Província de São Pedro*, de Porto Alegre. Na década seguinte, de 1951 a 1960, os veículos que mais publicaram seus textos foram *O Estado de S. Paulo*, com 36 artigos, e *Província de São Pedro*, com 26 artigos. No mesmo período, o *Jornal de Letras* publicou 10 artigos de Carpeaux.

Na década seguinte (1961-1970), sua participação foi maior em *O Estado de S. Paulo*, com 67 artigos, e na revista *Leitura*, do Rio de Janeiro, que publicou 24 textos. Entre os anos de 1971 e 1977, o último período da atividade crítica de Carpeaux, o destaque fica para a *Revista Manchete*, que publicou 42 textos de sua autoria.

A estreia de Carpeaux na imprensa brasileira, conforme mencionado, ocorreu em 20 de abril de 1941 no *Correio da Manhã*, e foi registrada por Álvaro Lins, que credita ao então diretor deste jornal carioca, Paulo Bittencourt, a iniciativa de acolhê-lo.² Mas deve-se, na verdade, ao próprio Lins a proposta de transformar o então desconhecido “escritor austríaco” em articulista.

O escritor austríaco a que estou me referindo começará a escrever amanhã no *Correio da Manhã*, sob o pseudônimo de Otto Maria Carpeaux. Porque conheço este escritor – sou talvez o único de seus colegas brasileiros a conhecê-lo de perto – estou certo que a sua atuação, na nossa vida literária, vai constituir um acontecimento de excepcional significação. (Lins, 1943, p.294)

De fato, a atuação de Carpeaux na imprensa brasileira foi de extrema importância. Os anos de 1941 e 1942, por exemplo, foram

2 Pelas pesquisas feitas até o momento, acreditamos que o artigo intitulado “Inventário do caso”, publicado na *Revista do Brasil* (v.4, n.36, 1941, p.1-10), é também um dos primeiros textos de Carpeaux no Brasil.

bastante produtivos, tanto que ele selecionou e reuniu textos para duas coletâneas, *A cinza do purgatório* e *Origens e fins*, publicados em 1942 e 1943, respectivamente.

Mas a primeira metade da década de 1940 foi também um período bastante conturbado para Carpeaux. Além do processo de naturalização, concluído em 1944, o crítico envolveu-se em polêmicas com escritores e intelectuais brasileiros. Talvez a mais marcante tenha sido a que travou com o escritor francês George Bernanos, que na época vivia no Brasil. O estopim foi um pequeno artigo publicado em dezembro de 1943 na *Revista do Brasil*, periódico fundado em 1916 e dirigido por Otávio Tarquínio de Souza. Intitulado “A morte de Romain Rolland”, o artigo era para ser apenas um necrológio do escritor francês, mas se transformou no estopim de uma campanha contra Carpeaux, protagonizada por George Bernanos, Genolino Amado, Guilherme Figueiredo e Carlos Lacerda.

Nesse período, Carpeaux trabalhou também na Biblioteca da Faculdade Nacional de Filosofia, da qual se demitiu em 1944 para assumir cargo na Biblioteca da Fundação Getúlio Vargas. As cartas que trocou com Gilberto Freyre nessa época revelam as pressões sofridas por Carpeaux nesta difícil primeira fase de sua vida no Brasil. Numa delas, datada de 1944, Carpeaux se queixa das acusações de “fascista” feitas por Genolino Amado, Carlos Lacerda e Guilherme Figueiredo. Escreve:

Você deve estar informado quanto à conspiração que os senhores Genolino Amado, Carlos Lacerda e Guilherme Figueiredo montaram contra mim; sentiram-se incomodados por minha existência, e conseguiram, com a ajuda de Jorge Amado, transformar-me em “fascista”. Infelizmente, sei que, apesar das defesas do Álvaro e de José Lins, muita gente continua a acreditar nisso, sobretudo na província. O prejuízo não me importa, mas sinto-me profundamente ferido. (Carpeaux, 1944)

Em dezembro de 1945, Carpeaux escreve a Ledo Ivo uma pequena carta, na qual refere-se ao fato de não estar mais “escrevendo

regularmente nos jornais”. E acrescenta: “o motivo você bem sabe qual é” (Carpeaux, 1945). Em 1949, Carpeaux passa a publicar artigos no jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre. As cartas que trocou com o historiador gaúcho Manoelito de Ornellas revelam a precariedade da situação de Carpeaux nesse período: “Vivo sem emprego, só do trabalho literário e jornalístico, o que é heroísmo involuntário, aliás”, escreve em 07 de agosto de 1949 (Carpeaux, 1949a). Dois meses depois, em 04 de outubro de 1949, as preocupações financeiras são o assunto principal de suas cartas a Manoelito de Ornellas, que atuava como um contato de Carpeaux junto ao *Correio do Povo*.

Como sabes, estou deempregado, *chômeur*, e o trabalho jornalístico constitui minha única fonte de rendas. Podes calcular as dificuldades por que estou passando. [...] Desculpa a grande pressa e o tom direto desta carta. [...] Se pode providenciar a remessa dos 400 [cruzeiros] de Agosto ou dos 800 em uma vez, eu seria imensamente grato. (Carpeaux, 1949b)

Em 13 de setembro de 1950, Carpeaux escreve nova carta a Manoelito de Ornellas, em que se permite fazer, em breves linhas, um balanço de sua vida após onze anos no Brasil: “Apesar de muitos esforços, o problema da minha vida não está resolvido até hoje; com 50 anos de idade, isso constitui experiência amarga. E nestes últimos tempos pré-eleitorais o trabalho de redação me absorve todas as noites” (Carpeaux, 1950).

Por conta dessas dificuldades financeiras, Carpeaux precisava continuar escrevendo assiduamente para jornais e revistas, enviando artigos para os mais diferentes veículos, como *Leitura*, *Jornal de Letras*, *O Jornal*, *Revista do Livro*, entre outros, e não apenas situados no Rio de Janeiro ou em São Paulo, mas em diversas capitais do país.

Além dessas publicações, destaca-se a produção para o jornal *A Manhã*, também do Rio, mantido pelo governo de Getúlio Vargas e dirigido por Cassiano Ricardo. Entre os anos de 1946 e 1953, Carpeaux publicou um total de cem artigos no *Suplemento Letras e Artes* daquele veículo.

Espaço cultural ligado ao Estado Novo, *A Manhã* abrigava em suas páginas suplementos dedicados à literatura, como *Autores e Livros* (que circulou de 1941 a 1945) e *Letras e Artes*, no qual Carpeaux publicou artigos de 1943 a 1953. Também importante neste jornal foi o encarte semanal *Pensamento da América*, produzido com o intuito de promover a ideia de pan-americanismo.

Veículo de imprensa pertencente às Empresas Incorporadas ao Patrimônio da União, assim como a Rádio Nacional, o jornal *A Manhã* não poderia permanecer ileso diante da avassaladora política cultural do Estado Novo. As décadas de 1930-1940 foram um período de transformações profundas no país, marcadas também pelo surgimento de lugares de sociabilidade diversificados, onde grupos distintos de jornalistas, críticos e intelectuais se reuniam para debater e divulgar suas propostas e ideias (Gomes, 2004).

Nesse sentido, torna-se fundamental mapear alguns desses lugares de sociabilidade, pois eles nos informam sobre o funcionamento do campo cultural e sobre suas relações com o campo político, instâncias essas que interferem decisivamente no fluxo de produção da imprensa (Bourdieu, 2007). Do ponto de vista metodológico, faz-se importante para este capítulo o estudo de periódicos, da correspondência (no caso, as cartas de Carpeaux a Gilberto Freyre) e do funcionamento das casas editoriais, a fim de lançar luz sobre as relações de Carpeaux com os agentes desse campo político-cultural no Rio de Janeiro de então. Não se trata de efetuar uma contextualização histórica; o que interessa aqui é, como no dizer de Gomes, destacar “a existência de um campo intelectual com vinculações amplas, mas com uma autonomia relativa que precisa ser reconhecida” (Gomes, 2004, p.81).

A Casa do Estudante do Brasil (CEB), por exemplo, era um lugar de sociabilidade em torno do qual se reuniam alguns intelectuais, jornalistas e escritores dos anos 1940. As duas primeiras coletâneas de Carpeaux foram publicadas por esta editora, e, na folha de rosto dessas obras, há propaganda das demais publicações da CEB e por este registro pode-se ter uma ideia concreta dos temas e autores que compunham o catálogo da editora. Lá estão Gilberto Freyre, Aurélio Buarque de Holanda (a quem, aliás, Carpeaux agradece a revisão

dos livros), Vianna Moog, Mario de Andrade, José Lins do Rego, Guilherme Figueiredo e outros. Os temas não deixam dúvida sobre o propósito de abordar os assuntos brasileiros, que norteavam as preocupações do período, centradas na construção de projetos nacionais.

Esta, por sinal, era a característica do pequeno campo artístico-cultural carioca da primeira metade do século XX. Tratava-se, no dizer de Ângela de Castro Gomes, de “um terreno privilegiado para a construção de projetos de intervenção social, sendo os intelectuais vistos e se representando como atores pioneiros e privilegiados na condução do futuro do país” (Gomes, 2004, p.83).

Enquanto lugar de sociabilidade, a CEB vai se juntar a inúmeros microcampos culturais em atividade no Rio de Janeiro de meados do século XX, todos imbuídos, em maior ou menor grau, do propósito de discutir, implementar e difundir projetos de Brasil moderno. Os campos literário, cultural e jornalístico são, nesse sentido, temas férteis para se conhecer e estudar o Brasil, a partir de duas orientações básicas: o modernismo e o nacionalismo vistos enquanto elementos para se estabelecer os parâmetros socioculturais da identidade nacional. A inserção de Carpeaux no campo cultural brasileiro está relacionada a este contexto. Ocorre que Carpeaux manteve-se distante tanto do modernismo quanto do nacionalismo. Seus temas de predileção foram sempre europeus, principalmente nas duas coletâneas da década de 1940, assim como a publicação da monumental *História da literatura ocidental*. Esse distanciamento, não premeditado, mas eletivo, dos projetos de Brasil moderno foi determinante para a posição periférica de Carpeaux no campo intelectual brasileiro daquele período.

Não obstante, a influência exercida pelo crítico no então pequeno campo literário brasileiro não deixou de ser marcante, a começar pelo ineditismo e a originalidade de muitas de suas interpretações. A formação humanística consistente, que incluía, segundo ele próprio afirmou, onze anos contínuos de estudo da língua latina, o transformou num de nossos primeiros e mais significativos mediadores culturais, atuando, de modo ainda que difuso, na formação do chamado leitor culto. Importante nesse processo foi o trabalho de divulgação e

de comentário de autores até então praticamente desconhecidos entre nós, como Lichtenberg e Jacobsen, Hofmannsthal e Conrad, Alfieri e Verga, Burckhardt e Vico (aliás, duas de suas grandes influências).

Isso sem falar em Kafka, de quem ele foi um dos primeiros comentaristas em língua portuguesa. Em “Fragmentos sobre Kafka”, publicado em julho de 1946 em *O Jornal*, Carpeaux relembra, “não sem certo orgulho”, ter sido ele o autor do primeiro artigo que se publicou sobre Kafka no Brasil (Carpeaux, 2005, p.72). Trata-se de “Franz Kafka e o mundo invisível”, publicado em 1942 em *A cinza do purgatório*. Também digna de nota foi sua tradução de vinte aforismos de Kafka publicada em dezembro de 1943 na *Revista do Brasil*. O próprio Carpeaux explica em nota tratar-se da primeira tradução de tais textos de Kafka: “Esses aforismos, publicados postumamente, ainda não foram traduzidos para nenhuma língua” (Carpeaux, 1943, p.33-5). Como se vê, eram temas e autores bem distantes da agenda do Brasil moderno, que legitimava a reputação e definia a posição dos agentes no campo intelectual.

Crítica, mediação e legitimação

Durante quase toda a década de 1940, Carpeaux esteve envolvido na elaboração de seu projeto mais ambicioso, a *História da literatura ocidental*. Contratado pela Casa do Estudante do Brasil para escrever a obra, finalizou os últimos capítulos em novembro de 1945. Entregou ao editor cerca de 4 mil páginas datilografadas e, segundo ele, criteriosamente documentadas.³ Os originais, contudo, ficaram parados, pois a Casa do Estudante do Brasil, órgão do Ministério da Educação, não possuía recursos para publicá-los. Como se não bastasse, o contrato com o editor estipulava uma pesada multa em caso de desistência do autor, e isso tornou inviável a publicação da

3 Em 1943, na folha de rosto da primeira edição de *Origens e Fins*, há uma relação dos lançamentos previstos pela editora, em que está anunciada a obra *A literatura do Ocidente* (3 vol.) de Carpeaux.

obra por outra casa editorial. Quase dois anos depois, Carpeaux ainda vivia esse impasse. Em carta a Gilberto Freyre, datada de 31 de março de 1947, ele se queixa do editor, Arquimedes, que permanecia irredutível.⁴ Escreve:

Esgotei-me com esse trabalho, entregando os últimos capítulos em novembro de 1945. Não demorou a revelação desagradável: a C.E.B. é financeiramente incapaz de editar a obra. Naquele tempo, vários editores quiseram entrar no negócio, mas nosso amigo Arquimedes, possesso de ambição, não me largou, insistindo no contrato que não determina prazo de edição e me impõe no caso da rescisão da minha parte uma forte indenização. (Carpeaux, 1947)

A obra somente seria publicada entre os anos 1959 e 1966 pelas edições *O Cruzeiro*, dirigida por Herberto Sales. Mas as agruras de Carpeaux com esse livro não terminaram. Com tiragem imprecisa e diversos erros tipográficos, a primeira edição foi revista e ampliada pelo crítico nos anos seguintes, para ser publicada a partir de 1978, pela Alhambra, pequeno selo editorial criado por Joaquim Campelo Marques para esta finalidade.

Este, porém, não foi o único livro de Carpeaux a enfrentar problemas de natureza editorial. A *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*, publicada em 1949 pelo Serviço de Documentação do MEC, chegou aos leitores com graves falhas de revisão. Tanto que foi motivo de comentário de Álvaro Lins na época:

Os erros de revisão desta *Bibliografia* saltam aos olhos de qualquer um, e por todos os lados, até no índice onomástico, onde a página indicada com precisão numérica para um autor não é a que lhe corresponde de fato no texto. (Lins, 1952, p.51)

Os incidentes editoriais envolvendo esses dois livros podem contribuir para uma reflexão sobre o interesse pela obra daquele

4 Arquimedes de Melo Neto, então editor da Livraria-Editora Casa do Estudante do Brasil.

que se tornaria um dos mais importantes críticos do país e fornece dados para reavaliar o lugar ocupado por seu autor no campo da crítica, assim como contribui para dimensionar sua importância no processo de formação do leitor e do próprio campo literário do país.

Cabe lembrar que, naquela época, já tínhamos no Brasil grandes casas editoriais, como a José Olympio, no Rio de Janeiro. Por que então a obra de Carpeaux foi publicada pela revista *O Cruzeiro*? Não será em vão lembrar aqui as palavras de Bourdieu (2007), por certo muito conhecidas, segundo as quais a posição ocupada por um autor em seu tempo está ligada à relação que mantém com as instâncias de difusão.

A forma das relações que as diferentes categorias de produtores de bens simbólicos mantêm com os demais produtores, com as diferentes significações disponíveis em um dado estado do campo cultural e, ademais, com sua própria obra, depende diretamente da posição que ocupam no interior do sistema de produção e circulação de bens simbólicos e, ao mesmo tempo, da posição que ocupam na hierarquia propriamente cultural dos graus de consagração. (Bourdieu, 2007, p.154)

Em suma, não se pode ignorar a posição que um determinado agente ocupa na hierarquia das legitimidades culturais, posição esta que depende dos signos de reconhecimento ou de exclusão emitidos pelas instâncias de consagração. No jogo entre agentes pretendentes e dominantes no campo literário, pode-se dizer que Carpeaux não foi um autor legitimado por essas instâncias, pelo menos no período que estamos analisando. Uma das causas dessa posição não dominante no campo pode estar ligada, como dissemos antes, ao distanciamento de Carpeaux, principalmente nos anos de 1940, dos projetos de pensar o Brasil e a cultura brasileira, temas que conferiam legitimação e consagração no campo.

Em 2008 foi lançada uma terceira edição de *História da literatura ocidental*, pela editora do Senado Federal, de Brasília. No final de 2011, a obra foi relançada pela Leya, casa editorial de origem por-

tuguesa que se instalou recentemente no Brasil. Editada em quatro volumes, esse lançamento chamou a atenção no país por duas particularidades. A primeira se refere ao modelo de comercialização: as vendas são feitas exclusivamente nas lojas da Livraria Cultura, rede com filiais em várias capitais brasileiras e que assina a coedição desta obra. A segunda particularidade é de cunho editorial e causou polêmica quando do seu lançamento: a obra segue o padrão gráfico das Edições do Senado, com mudanças apenas nas capas e nas páginas iniciais. Conforme artigo publicado na *Revista Época*, a edição da Leya segue à risca a edição anterior.

A cópia feita pela Leya é tão flagrante que até detalhes do projeto gráfico criado para os livros publicados pela editora do Senado são reproduzidos na nova edição. Uma das marcas características da coleção de livros do Senado é um pontilhado nas capas e no alto das páginas. A edição recente de *História da literatura ocidental da Leya* reproduz o mesmo pontilhado em suas páginas. (Ramos, 2012)

Ainda que não se possa deixar de louvar essas iniciativas, é preciso considerar que as edições dessa obra ao longo da história foram feitas por editoras pequenas ou situadas à margem do sistema editorial brasileiro (é o caso das editoras O Cruzeiro, Alhambra e Senado) e que, por certo, não correspondem à imagem que o crítico obteve na posteridade. Em outras palavras, Carpeaux foi um autor de pouca legitimidade junto ao campo da difusão – leia-se mercado editorial – e isto pode ser comprovado pela história das edições de sua obra.

É evidente que a construção de uma reputação não se faz pela ação exclusiva deste ou daquele agente, desta ou daquela instituição, deste ou daquele veículo. Trata-se, como argumenta Bourdieu, de um sistema de relações objetivas, que inclui não apenas a concorrência entre agentes, cujos papéis estão associados a valores culturais e de mercado diversos, mas também ao próprio conflito entre agentes que ocupam posições diferentes no processo. O que determina a fortuna de uma obra é, portanto,

o campo da produção como sistema das relações objetivas entre esses agentes ou instituições e espaço das lutas pelo monopólio do poder de consagração em que, continuamente, se engendram o valor das obras e a crença neste valor. (Bourdieu, 2008, p.25)

Não obstante isso, a influência de Carpeaux é considerada um fator de relevância nas dinâmicas do campo no período em que estamos analisando. Como revela Ivan Junqueira (2005), que conviveu com Carpeaux nos anos 1950-60 e de quem se tornou amigo, a influência do crítico foi decisiva na formação de inúmeros futuros intelectuais brasileiros a partir da segunda metade do século XX. Junqueira recorda que, em 1956, já tendo abandonado o curso de Medicina para se dedicar à literatura, tomou contato com os artigos de *Origens e fins*, a segunda coletânea de Carpeaux publicada no país.

O fascínio pelo pensamento de Carpeaux estava obviamente vinculado a um processo de distensão e enriquecimento que cada um de nós viera acumulando ao longo dos anos do ponto de vista humanístico e cultural. Ele não alterou o rumo de nossas vidas, mas sua lição contribuiu de maneira notável para o nosso amadurecimento como intelectuais. (Junqueira, 2005, p.24)

Também o crítico Alfredo Bosi refere-se a Carpeaux como uma de suas leituras fundamentais de juventude:

Quando, por volta de 1950, comecei a me interessar por literatura, descobri, encantado, nas páginas do Diário de São Paulo, um mundo absolutamente novo para o ginasiano de treze anos. Era o mundo dos homens e dos livros trabalhados pela leitura de Otto Maria Carpeaux em artigos cheios de verve, poesia e paixão. Posso dizer que, durante anos a fio, não bebi de outra fonte em matéria de crítica literária. (Bosi, 1992, p.9)

Já em maio de 1944, o crítico Álvaro Lins aludia ao chamado “fenômeno Carpeaux”, referência à enorme visibilidade adquirida pelo crítico austríaco nos círculos literários do Rio de Janeiro. “Não

se pode mais sentar num café, entrar numa livraria, conversar em grupo, abrir um jornal – sem que lá esteja em discussão o nome de Otto Maria Carpeaux” (Lins, 1946, p.273).

Ao mesmo tempo que contribuiu para a formação do campo da crítica literária no país, pois se tornou referência na formação de muitos de nossos intelectuais e críticos, Carpeaux empenhou-se para imprimir uma marca de profissionalismo (leia-se trabalho remunerado para garantir a sobrevivência) e de especialização a um ofício que até então era exercido por bacharéis e diletantes de todos os tipos.

Não pode ser esquecido que, no Brasil do início da década de 1940, a crítica literária apresentava duas características bastante definidas: ocupava as colunas fixas e rodapés dos jornais e de algumas revistas e era praticada em geral por profissionais liberais, os chamados homens de letras, que, formados muitas vezes no autodidatismo, escreviam em tom de comentário, num gênero bastante próximo ao da crônica.

Ora, quando chegou ao Brasil, Carpeaux já era autor de três obras ensaísticas, como *Wege nach Rom* [Caminhos para Roma], *Österreichs europäische Sendung* [A missão europeia da Áustria] e *Van Habsburg tot Hitler* [Dos habsburgos a Hitler]. Era também autor de vários artigos publicados no semanário *Der Christliche Ständestaat* e na revista *Die Erfüllung*, ambos de Viena, e *Signale für die musikalische Welt*, de Berlim.

Desde a juventude em Viena, o espaço ocupado por Carpeaux foi sempre a imprensa, caminho geralmente trilhado por publicistas e candidatos a escritor. Carpeaux possuía uma vocação natural para trabalhar na imprensa e isso costuma direcionar as habilidades individuais. Sua trajetória e sua produção textual estão marcadas por este direcionamento.

Por fim, pode-se argumentar que sua crítica situa-se na confluência entre os dois modelos acima citados, apresentando característica de ambos. A própria biografia de Carpeaux o coloca a meio caminho entre o homem de letras não especializado (era formado em Química) e o crítico com formação específica em ciências humanas (ele teria cursado Filosofia e Sociologia em Paris e Literatura

Comparada em Nápoles, embora esses dados ainda não tenham sido comprovados).

Além do mais, Carpeaux inicia sua produção teórica em 1934, com *Wege nach Rom* [Caminhos para Roma], livro que, seja pela erudição, seja pelo tratamento formal dos temas, é uma obra marcadamente acadêmica, no contexto da tradição europeia.

Por outro lado, razões de sobrevivência o levaram ao exercício da crítica profissional e a escrever com regularidade na imprensa. Nesse ponto poderíamos situá-lo na linhagem da crítica literária praticada nos rodapés dos jornais e vinculada a todo um conjunto de valores que Afrânio Coutinho, sob a influência do *New Criticism*, procurava naquele momento estirpar da cultura brasileira. Em outro estudo, procurei situar a obra de Carpeaux no contexto desta mudança de paradigma ocorrida na crítica brasileira em meados do século XX (Ventura, 2011).

No entanto, se foi por uma contingência que tornou-se crítico literário de jornal, sua formação humanística e o consistente trabalho dos conceitos que se depreende de suas análises da obra literária permitem-nos conjecturar que, fossem outras as circunstâncias, ele talvez tivesse produzido uma obra de natureza teórica (com ou sem vínculos acadêmicos), projeto este que o destino se encarregou de abortar. O próprio Carpeaux tinha consciência disso e não hesitava em afirmar que o jornalismo era apenas um meio de vida. Seja como for, a trajetória de Carpeaux o conduziu para a imprensa e tanto sua obra quanto seu estilo refletem as contingências e marcas desta atividade. Não podemos esquecer também que, mesmo na Áustria, Carpeaux já trabalhava como jornalista, escrevendo sobre política e cultura.

Com efeito, em seus inúmeros artigos é possível encontrar exemplos tanto da antiga crítica literária como da análise especializada – apoiada em citações, notas de rodapé e vasta bibliografia –, que se institucionaliza nas universidades brasileiras a partir dos anos 1950-60, mas que já era prática comum em seu país de origem. Não seria, portanto, exagero afirmar que o percurso ensaístico de Carpeaux movimentava-se entre os dois polos da crítica enquanto gênero: do

impressionismo dos homens de letras à abordagem teórica que será a marca da crítica acadêmica que se institui neste período.

Para compreender o significado de tal posicionamento, é preciso ter em mente que os textos de Carpeaux publicados na imprensa tinham como destinatário um público leitor dotado de certa cultura literária, que legitimava as posições assumidas pela crítica. Nesse sentido, o papel desempenhado por ele no campo da crítica brasileira foi o de um intermediário cultural, cuja função primeira – embora não a única – é a de atuar como um agente de mediação entre o autor e seu público, ou entre produtores e receptores. Deriva, pois, dessa característica a relação de proximidade entre imprensa, crítica literária e sistema editorial, polos em torno dos quais orbitou a obra deste jornalista e crítico austríaco-brasileiro.